

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf EVANDRO LUÍS DA SILVA CONCEIÇÃO

**O BATALHÃO DE INFANTARIA NO ATAQUE A ÁREA EDIFICADA:
PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DO ARTIGO IX (ATAQUE A
LOCALIDADE) DO CAPÍTULO 4 (OFENSIVA) DO C 7-20
(BATALHÕES DE INFANTARIA)**

Rio de Janeiro

2021

Cap Inf EVANDRO LUÍS DA SILVA CONCEIÇÃO

**O BATALHÃO DE INFANTARIA NO ATAQUE A ÁREA EDIFICADA:
PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DO ARTIGO IX (ATAQUE A LOCALIDADE) DO
CAPÍTULO 4 (OFENSIVA) DO C 7-20 (BATALHÕES DE INFANTARIA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialização em Ciências Militares.

Orientador: Maj Inf Helio Viana Santos Sobrinho

Rio de Janeiro

2021

Cap Inf EVANDRO LUÍS DA SILVA CONCEIÇÃO

**O BATALHÃO DE INFANTARIA NO ATAQUE A ÁREA EDIFICADA:
PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DO ARTIGO IX (ATAQUE A
LOCALIDADE) DO CAPÍTULO 4 (OFENSIVA) DO C 7-20
(BATALHÕES DE INFANTARIA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialização em Ciências Militares.

Aprovado em ____/____/____

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

ROBERTO NUNES RIBEIRO FILHO – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Presidente

HELIO VIANA SANTOS SOBRINHO – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

MARCUS VINICIUS FALCÃO FIGUEIREDO DO NASCIMENTO – Cap
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar se há necessidade de uma atualização do Artigo IX do Manual de Campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria, o qual trata sobre ataque a localidade. Tendo em vista que o referido manual é datado de 2007 e que nas últimas décadas muito evoluíram as possibilidades de emprego de tecnologias, armamentos e materiais, assim como alguns exércitos atuaram em novos conflitos urbanos, é provável que o pequeno artigo sobre o tema esteja desatualizado. Diante disso, serão estudados alguns dos principais ataques a localidades ocorridos recentemente, por tropas dos Estados Unidos da América, que atuaram no Afeganistão e Iraque no atual século e das tropas brasileiras na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), de 2004 a 2017 naquele país. Será comparada a nossa atual doutrina com a estadunidense, por ser referência mundial, e com a argentina, por ser potência em nosso continente. No final deste trabalho, espera-se a apresentação de proposta para atualização do referido artigo, caso esteja defasado, ou a manutenção do mesmo, se for verificado que está nivelado com os que serão analisados.

Palavras-chave: Localidade. Combate urbano. Atualização

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze whether there is a need for an update of Article IX of Campaign Manual C 7-20 Infantry Battalions, which deals with the attack on the locality. Bearing in mind that this manual is dated 2007 and that in the last decades it has evolved considerably as possibilities for the use of technologies, armaments and materials, as well as some armies acted in new urban conflicts, it is likely that the small article on the subject is out of date. In light of this, some of the main locations that have occurred recently, by troops from the United States of America, who worked in Afghanistan and Iraq in the current century, and from Brazilian troops at the United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH), from 2004 to 2017, will be studied in that country. Our current doctrine will be compared with that of the United States, for being a world reference, and with Argentina, for being a power in our continent. In the final work, it is expected to present this proposal to update the article, if it is defended, or to maintain it, if it is verified that it is level with those that will happen.

Keywords: Location. Urban combat. Update

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Envolvimento.....	15
FIGURA 2 – Infiltração.....	15
FIGURA 3 – Penetração.....	16
FIGURA 4 – Ataque Frontal.....	16
FIGURA 5 – Ataque de Flanco.....	17
FIGURA 6 – Ações necessárias de reconhecimento urbano.....	18
FIGURA 7 – Ações no isolamento.....	19
FIGURA 8 – Reações ao isolamento.....	20
FIGURA 9 – Fases do ataque a uma localidade.....	23
FIGURA 10 – Esquema de manobra de um BI no investimento a uma localidade....	28
FIGURA 11 – Esquema de manobra de conquista de área de apoio na periferia da localidade.....	30
FIGURA 12 – Isolamento de uma cidade por meio de uma manobra de envolvimento.....	31
FIGURA 13 – Desbordamento.....	31
FIGURA 14 – Infiltração.....	32
FIGURA 15 – Penetração.....	32
FIGURA 16 – Ataque frontal.....	33
FIGURA 17 – Limitação da observação e campo de tiro de um CC.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMA.....	8
1.2 OBJETIVOS.....	8
1.2.1 Objetivo Geral	8
1.2.2 Objetivos Específicos	8
1.3 HIPÓTESE.....	8
1.4 METODOLOGIA.....	9
1.4.1 Objeto formal de estudo	9
1.4.2 Delineamento da pesquisa	9
1.4.3 Procedimentos para revisão da literatura	10
1.4.4 Procedimentos Metodológicos	10
1.4.5 Instrumentos	11
1.4.6 Análise de dados	11
1.5 JUSTIFICATIVA.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 AS OPERAÇÕES URBANAS OFENSIVAS DO EXÉRCITO AMERICANO	13
2.2 AS OPERAÇÕES OFENSIVAS EM AMBIENTE URBANO DO EXÉRCITO ARGENTINO.....	20
2.3 O ATAQUE A LOCALIDADE SEGUNDO O C 7-20.....	25
2.4 AS OPERAÇÕES OFENSIVAS EM ÁREA EDIFICADA SEGUNDO O EB70-MC-10.303.....	29
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1. INTRODUÇÃO

Até meados do século XX, a maior parte da população mundial ainda residia nos campos e vales. Já em sua segunda metade, com o desenvolvimento industrial dos países subdesenvolvidos, houve um grande êxodo rural, com as populações migrando para os núcleos urbanos em busca de emprego e melhores condições de vida. Aliado à isso, houve também um grande e desenfreado crescimento populacional. Um notório exemplo desse vultoso crescimento é a África subsaariana¹, que em 1960 possuía apenas a cidade de Joanesburgo com mais de 1 milhão de habitantes. Dez anos depois haviam mais três cidades nas mesmas condições. Em 2010, o número disparou para trinta e três cidades. (ARMBRECHT, Arwen, 2015)

Antigamente, as principais batalhas ocorriam em totalidade ou em grande parte nos ambientes rurais. Com essa migração ao passar dos anos, em todos os continentes, as grandes batalhas modernas, ocorridas no final do século passado e início do atual, acabaram migrando também para os centros urbanos e as doutrinas sofreram modificações devido às peculiaridades, possibilidades e limitações do combate nesses ambientes.

“As operações em áreas urbanizadas se expandiram consideravelmente nos últimos anos, colocando maiores demandas em operações de combate e não-combate. A tendência no mundo mostra um **crescimento acentuado de ambientes urbanos e, portanto, de desenvolvimento de conflitos armados nesta área.**” (ARGENTINA, 2017, cap XIII – 22, grifo nosso).

Grande parte dos manuais de campanha do Exército Brasileiro permaneceram intactos de alterações por décadas. Nos últimos anos, estão sendo revisados, porém, alguns assuntos e temas necessitam ser revisados com periodicidade menor, devido diversos fatores que evoluem rapidamente com o passar de poucos anos, como o avanço das tecnologias, materiais de emprego, armamentos e lições aprendidas em combate.

¹ A África subsaariana (português brasileiro), corresponde à parte do continente africano situada ao sul do Deserto do Saara. Chamada de subsaariana por estar ao sul (sub-) do Saara (-saariana). É constituída de 48 Estados, cujas fronteiras resultaram da descolonização. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/África_subsaariana> set 12 Acesso em: 07 maio 21.

1.1 PROBLEMA

Com a evolução dos combates, passando a serem em centros urbanos, faz-se necessário verificar se a doutrina de emprego e atuação do Exército Brasileiro está atualizada, e, nesse caso, se os Batalhões de Infantaria (mais propensos a atuarem) estão preparados para as novas condicionantes desses conflitos. Diante disso, surge a seguinte pergunta: a doutrina em vigor do Exército Brasileiro para os batalhões de infantaria atacarem localidades está atualizada?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral será a verificação da necessidade de atualização do artigo referente à ataque a localidade do Manual de Campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Comparar a doutrina estadunidense com a doutrina brasileira;
- Comparar a doutrina argentina com a doutrina brasileira
- Avaliar se o artigo IX do Manual de Campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria está em consonância com potências mundiais e continental;
- Propor atualização ou manutenção do referido artigo.

1.3 HIPÓTESES

Visando solucionar os problemas citados e cumprir os objetivos elencados, foram levantadas duas hipóteses:

H_1 – O artigo IX do Capítulo 4 do Manual de Campanha C7-20 Batalhões de Infantaria está condizente com a atual conjuntura e doutrinas militares terrestres.

H_0 - O artigo IX do Capítulo 4 do Manual de Campanha C7-20 Batalhões de Infantaria não está condizente com a atual conjuntura e doutrinas militares terrestres.

1.4 METODOLOGIA

1.4.1 Objeto formal de estudo

Este trabalho, sobre os batalhões de infantaria no ataque a localidade tem como objeto formal a revisão literária do Manual Campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria, especificamente do artigo IX do capítulo 4, o qual trata sobre ataque a localidade. Para nortear e delimitar os estudos, foram determinadas as seguintes variáveis:

- variável I: as doutrinas militares argentina e estadunidense (variável independente).

Neste estudo serão analisados os manuais referentes ao assunto dos Estados Unidos da América e da República da Argentina.

- variável II: a doutrina militar brasileira de emprego dos batalhões de infantaria no ataque a localidade (variável dependente).

O Manual de Campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria, especificamente o artigo IX do capítulo 4, será utilizado para conferência se está condizente com os últimos conflitos do final do século XX até os dias atuais.

1.4.2 Delineamento da pesquisa

Para delinear a pesquisa, será utilizado o método de abordagem indutivo, no qual serão analisados manuais de Forças Armadas de outros países, partindo da premissa de que, se é uma doutrina utilizada por fração com sucesso em combates, também será de grande valia para o Exército Brasileiro. Para isso, o método de procedimento adotado para a pesquisa, será o comparativo, entre os manuais estrangeiros em si e posteriormente ao brasileiro.

A pesquisa quanto aos tipos, será aplicada, qualitativa, exploratória e bibliográfica, conforme abaixo:

- quanto à natureza, aplicada, devido esse tipo de pesquisa ser fundamental para as Ciências Militares pelo resultado final esperado ter impacto na nossa doutrina, podendo ser aplicado futuramente na Força;
- quanto à forma de abordagem, qualitativa, em consonância com o método indutivo;
- quanto ao objetivo geral, exploratória; e

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p. 27)

- quanto ao procedimento, bibliográfica, pois, além dos manuais, serão consultados artigos científicos, reportagens e materiais disponibilizados na internet, de fontes nacionais e internacionais.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (GIL, 2008, p 50).

1.4.3 Procedimentos para revisão da literatura

As ações e estratégias de buscas utilizadas até o presente momento foram principalmente o uso da rede mundial de computadores, sendo pesquisado nos sítios eletrônicos acadêmicos, além do sistema EBusca e Biblioteca Digital do Exército. Como o procedimento primordial será o comparativo, também foram consultados sítios eletrônicos dos Estados Unidos da América e da República da Argentina, para obtenção dos manuais de suas Forças Armadas.

1.4.4 Procedimentos metodológicos

Para início dos trabalhos, foi lido o artigo IX, do capítulo 4 do Manual de Campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria, para previamente verificar seu conteúdo e ter como ponto de partida o que seria necessário buscar sobre o tema.

Diante do conhecimento da doutrina atual, foram levantados os problemas, as variáveis e as hipóteses em que este trabalho estará focado em solucionar.

Dentre a grande variedade de fontes sobre o tema, foram adotados os seguintes critérios:

a. Critérios de inclusão:

- Estudos nacionais e internacionais sobre conflitos urbanos nos últimos trinta anos;
- Estudos sobre as novas tecnologias empregadas em combate;
- Estudos sobre as atuais possibilidades de materiais e meios do Exército Brasileiro;
- Estudos e reportagens sobre danos colaterais, principalmente sobre baixas civis em operações;

b. Critérios de exclusão:

- Estudos em situação de não-guerra, exceto missão de paz;
- Estudos de tropas que não sejam referência continental ou mundial;
- Estudos sem referência bibliográfica.

1.4.5 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram aqueles obtidos nas fontes estabelecidas pelo critério de inclusão, pois, nos manuais estrangeiros constam as doutrinas em vigor em suas Forças Armadas; nos trabalhos acadêmicos constam estudos já realizados; e, nas reportagens, por se tratarem de mídias e autores conhecidos, há grande chance de os relatos dos fatos serem de verdadeiros.

1.4.6 Análise dos Dados

De posse dos dados coletados, estes serão sequencialmente interpretados para entendimento do assunto, explicados de acordo com as variáveis estabelecidas e, por último, especificados para validação das hipóteses levantadas previamente.

Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados

obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 168)

1.5 JUSTIFICATIVA

Na segunda metade do século XX, os conflitos em sua maioria, deixaram de acontecer em áreas rurais, passando a ser realizados próximos ou em núcleos urbanos, devido ao fato das populações estarem concentradas nestas localidades.

A crescente urbanização mundial, com uma clara tendência de migração de áreas rurais para áreas urbanas, principalmente nos países em desenvolvimento, aliada ao crescimento exponencial da população do planeta têm criado áreas urbanas intensivas, que concentram **parcela significativa da população**, governo e economia. **Dada esta realidade, torna-se difícil, em conflitos modernos, evitar-se operações dentro ou na periferia de áreas urbanas. (SAMPAIO, 2008, p. 16, grifo nosso)**

Tendo em vista esta constatação, cresce a importância da verificação se a doutrina militar terrestre está voltada para esse tipo de combate. Neste contexto, as tropas em maior número no Exército Brasileiro e com chance de serem empregadas com maiores efetivos são as tropas de infantaria.

Diante disso, raciocina-se que pode ser empregada para ataque ou para a defesa de uma localidade. Este trabalho analisará a primeira, a qual possui diversas condicionantes pois corre-se o risco maior de causar danos colaterais, principalmente se a localidade for habitada por civis não-combatentes.

Como todas as operações ofensivas, as operações ofensivas urbanas impõem a vontade dos comandantes ao inimigo. **A ofensiva urbana visa frequentemente destruir, derrotar, ou neutralizar uma força inimiga.** No entanto, o objetivo pode ser para conseguir algum efeito relacionado com a população ou infra-estruturas da área urbana. Exército ou Marinha forçam a conduzir operações ofensivas para proteger um porto ou um centro de comunicações, para eliminar uma ameaça a um governo amigável ou a população urbana, ou para negar a ameaça do uso de infra-estruturas urbanas. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2017, p. 4-1, grifo nosso)

Como o manual que trata sobre o ataque a localidade a ser realizado por Batalhões de Infantaria é datado de 2007, vê-se a necessidade da verificação de defasagem em relação às demais Forças Armadas estrangeiras e à realidade atual.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para desenvolver o presente trabalho, fez-se necessário realizar consultas em manuais de pelo menos duas Forças Armadas de outros países: Estados Unidos da América e da República da Argentina.

O primeiro por se tratar de ser considerada por muitos como a maior potência bélica mundial, assim como ter vasta experiência em combates urbanos, principalmente no século atual.

O segundo, devido a ser o 2º país em extensão territorial na América do Sul, fazendo fronteira com o Brasil e possuindo considerável poder bélico, além de ser o país latino-americano que por último travou combate internacional.

De posse do manual norte-americano sobre combate urbano e do manual argentino sobre regimentos de infantaria, foram verificadas as doutrinas referente ao assunto, sendo comparadas com a nossa atual, presente tanto no C 7-20 como no EB70-MC-10.303 Operação em Área Edificada.

Não limitando somente a comparar com essas duas doutrinas estrangeiras, foram analisados alguns artigos sobre o tema, para verificar se estas doutrinas de fonte de consulta também estão atualizadas de acordo com a atual conjuntura mundial e avanço tecnológico. Algumas das principais batalhas da guerra do Afeganistão e Iraque foram incluídas na pesquisa pois são relativamente recentes, podendo serem utilizadas como parâmetro de análise dessas doutrinas.

A participação brasileira na MINUSTAH, também serviu de rica fonte de consulta, pois, apesar de ser uma missão de paz e não ter utilizado fogos de artilharia, diariamente nossas tropas estavam presentes em localidades, executando outras fases do ataque a localidade, como isolamento/cerco e investimento.

2.1 AS OPERAÇÕES URBANAS OFENSIVAS DO EXÉRCITO AMERICANO

No manual estadunidense ATP 3-21.20 INFANTRY BATTALION, que é o correspondente ao nosso atual C 7-20 Batalhões de Infantaria, não há conteúdo sobre o tema deste trabalho. Para pesquisar a doutrina daquele país, foi necessário recorrer ao manual ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations. Neste último, em seu Capítulo 4 – Operações Urbanas Ofensivas, é dissertado em 23 (vinte e três)

páginas, nas quais descreve-se o propósito e as características das operações ofensivas urbanas. Também é fornecida uma discussão sobre a organização do campo de batalha, as formas de manobras ofensivas urbanas, os tipos de tarefas ofensivas e considerações gerais. Dentre tais conteúdos destacam-se alguns tópicos e assuntos que serão elencados a seguir.

A título de introdução, o manual define que uma operação ofensiva urbana visa a destruição, derrota ou neutralização mas seu objetivo pode estar relacionado a algum efeito junto a população ou infraestrutura da localidade.

Posteriormente, são elencadas como as principais características desse tipo de operação a surpresa, o tempo e a audácia.

A surpresa é citada como decisiva, procurando obtê-la ao atacar a partir de uma direção ou de forma inesperada pelo inimigo. Por possuir excelentes meios tecnológicos, visam sempre o ataque noturno, pois o inimigo, normalmente, espera ser atacado em uma localidade durante o dia.

Segundo ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations (2017, p.4-2), o tempo da operação varia de acordo com o inimigo e terreno. Quanto mais tempo se demorar para progredir em uma localidade, maior será o consumo de munição e logística. Os comandantes costumam controlar o tempo para não permitir diferentes ritmos dentro da operação.

A audácia para executar corajosamente um simples plano de ação, tendo os riscos mitigados pelo estudo minucioso do terreno, explorando da melhor forma possível suas vantagens. O treinamento aliado a confiança dos militares de suas capacidades em executarem operações ofensivas urbanas fomentam a audácia.

São explanadas as formas de manobras das operações ofensivas urbanas. Destacam-se as de envolvimento, infiltração, penetração, ataque frontal e ataque de flanco.

O envolvimento é uma “manobra ideal para isolar a localidade. Para isso, serão utilizados edifícios no entorno da mesma, e criará condições para outros tipos e ataques”. Conforme ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations (2017, p. 4-5)

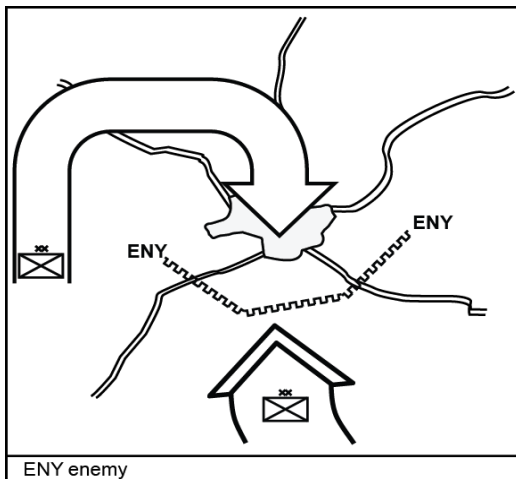


FIGURA 1 – Envolvimento

Fonte: EUA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations**. Washington: 2017.

A infiltração é utilizada para conquistar objetivos-chave na localidade, principalmente na retaguarda, evitando ao máximo o combate desnecessário com o inimigo. A população hostil praticamente inviabiliza essa forma.

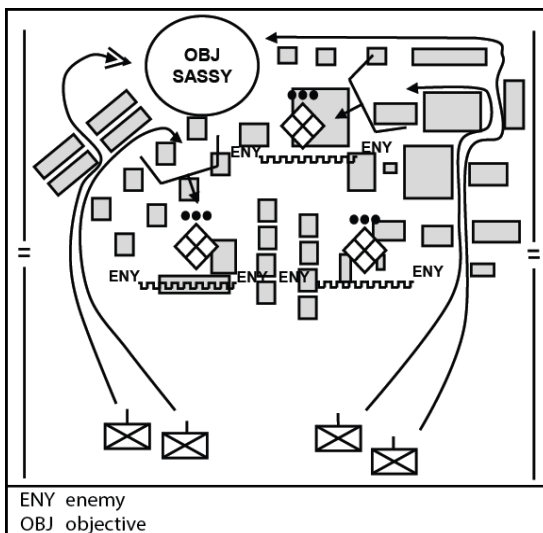


FIGURA 2 – Infiltração

Fonte: EUA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations**. Washington: 2017.

A penetração é a forma mais utilizada. Nela procura-se concentrar maior poder de combate em uma zona de ação que possua um objetivo decisivo. Uma proteção de flanco aliada com velocidade na penetração criam melhores condições de atingir o objetivo criar um colapso no sistema defensivo inimigo.

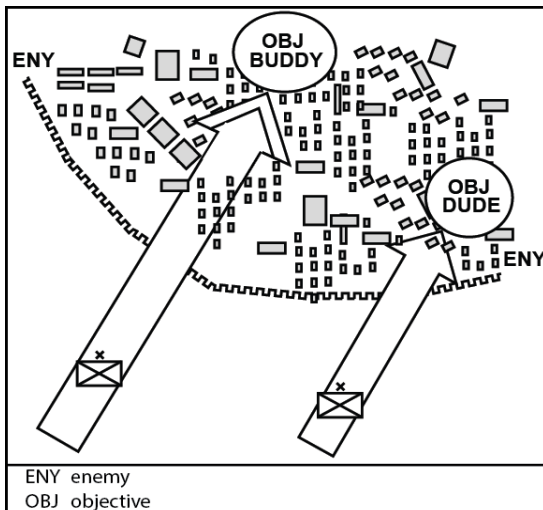


FIGURA 3 – Penetração

Fonte: EUA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations**. Washington: 2017.

O ataque frontal é normalmente a forma de manobra menos favorável para o atacante, tendo em vista que tendem a desperdiçar poder de combate em poções não necessárias, além da dificuldade de comando e controle ser potencializada.

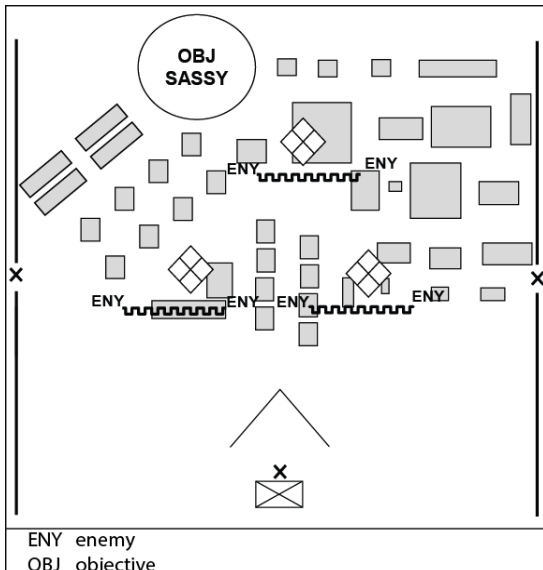


FIGURA 4 – Ataque Frontal

Fonte: EUA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations**. Washington: 2017.

O ataque de flanco torna-se vantajoso pois o inimigo costuma preparar fortemente suas posições voltadas para uma determinada direção. Esta forma de

ataque aborda por outra direção, sendo por vezes o flanco exposto criado a partir de fogos.

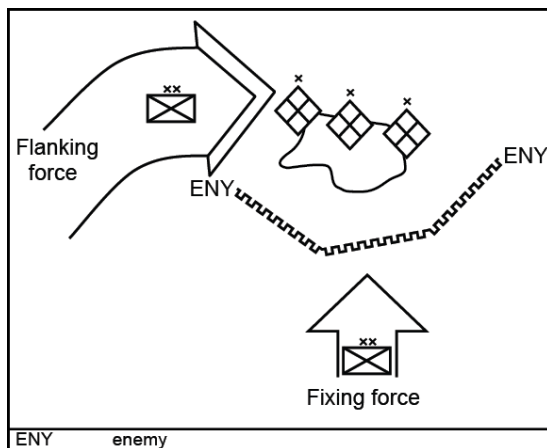


FIGURA 5 – Ataque de flanco

Fonte: EUA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations**. Washington: 2017.

O manual descreve diversas considerações sobre as operações ofensivas urbanas as quais devem ser observadas pelos comandantes em seus planejamentos. Dentre elas destacam-se as seguintes: compreensão, vigilância e reconhecimento integrados, esforços de avaliação focalizados, moldagem, isolamento, ação direta das forças de operações especiais, operações de informação, reconhecimento detalhado do líder, ordens de missão, organização eficaz de tarefas, envolvimento, consolidação e transição.

A compreensão da situação é fundamental para executar operação em ambiente urbano. Na ofensiva, considerando que a localidade está dominada pelo inimigo, cresce a importância da obtenção de dados por diversas fontes, a fim de melhor compreender o atual cenário.

A vigilância e reconhecimento integrados são as partes voltadas para alimentar o banco de dados inicial. Todas as informações que vão surgindo o pessoal da inteligência recebe, analisa, processa e atualiza esse banco de dados. Principalmente referente a aspectos significativos do terreno, infraestruturas, estado e disposição da população, e dados sobre o inimigo. A medida que as operações progredirem, esses dados vão sendo confirmados ou negados.

Os comandantes atribuem pontos decisivos para reconhecimento. Utilizam inicialmente imagens do banco de dados. Posteriormente, através é checado o dado através da inteligência humana, a qual utiliza desde civis até prisioneiros de guerra.

Após isso, são utilizados meios táticos de reconhecimento, como forças de reconhecimento, aviação e radares. Aeronaves não tripuladas fazem a ligação entre os pontos, passando a conhecer e compreender o máximo de locais possíveis no terreno.

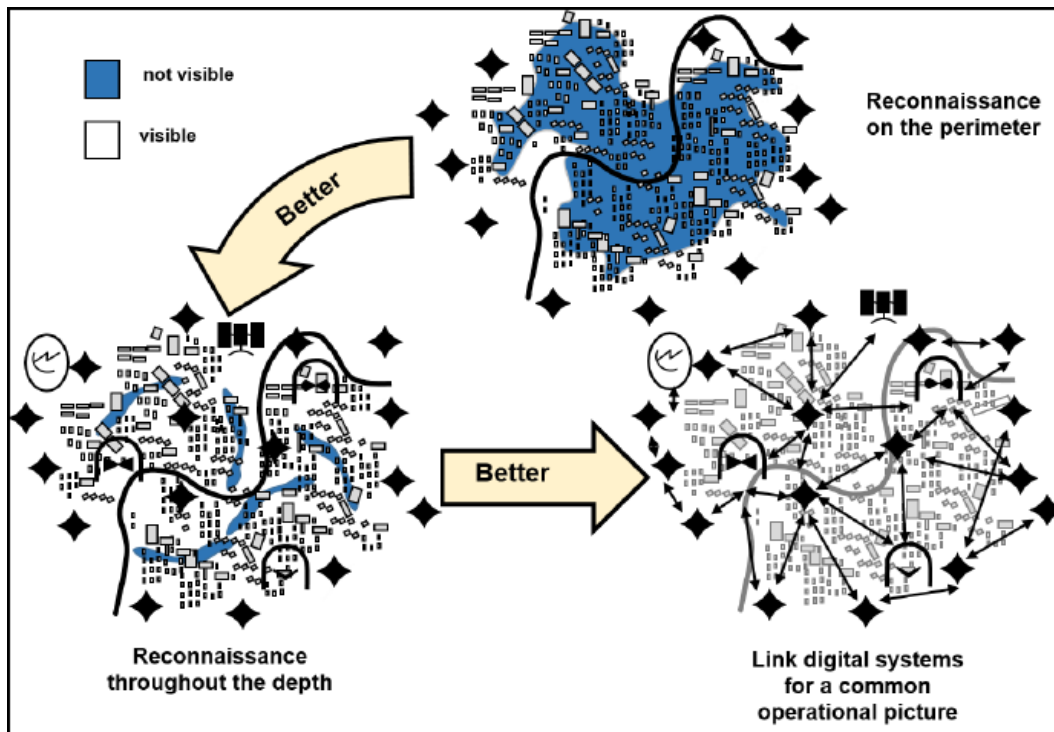


FIGURA 6 – Ações necessárias de reconhecimento urbano

Fonte: EUA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations**. Washington: 2017.

O isolamento é essencial pois além de negar o acesso da parte externa por parte de reforços nega a fuga dos inimigos no interior da localidade. É destacado que não é necessário que todo o perímetro seja isolado fisicamente. Algumas áreas podem ser apenas monitoradas, sendo abatidas por fogos ou com tropas em condições de deslocarem rapidamente para o local. Também pode ser realizado um isolamento eletrônico e psicológico por meio de operações de informação.

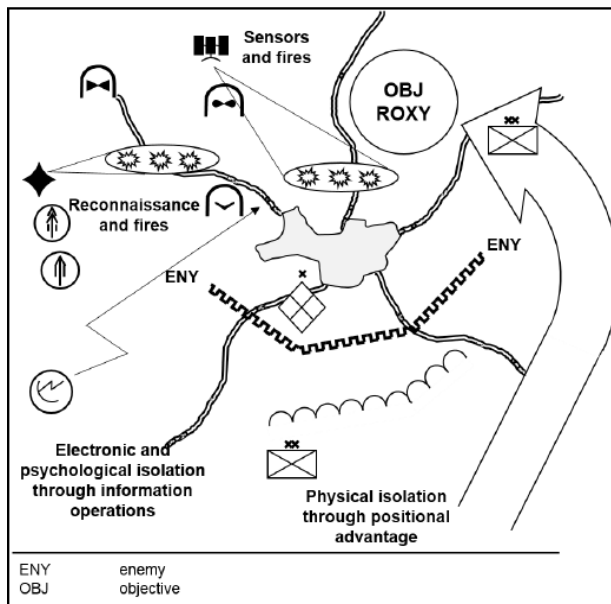


FIGURA 7 – Ações no isolamento

Fonte: EUA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations**. Washington: 2017.

Quando o inimigo é convencional, torna mais fácil o isolamento, mesmo em uma área urbana maior, devido ser facilmente identificado. Porém, quando são insurgentes, mesmo em uma área urbana menor, é mais difícil pois necessita grandes esforços para separar combatentes de não-combatentes.

Considera-se que o inimigo pode reagir das seguintes maneiras ao isolamento: continuar a defender ou esconder, conduzindo emboscadas e contra-ataques locais; atacar para invadir a zona urbana, infiltrar-se, exfiltrar-se ou combinações das anteriores, conforme figura abaixo.

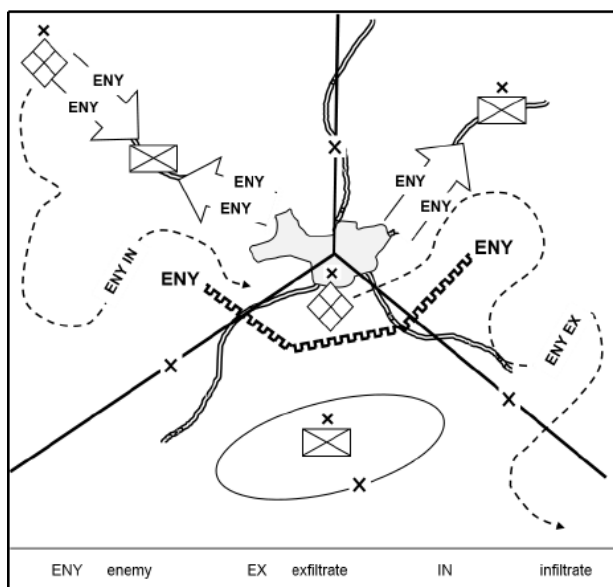


FIGURA 8 – Reações ao isolamento

Fonte: EUA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations**. Washington: 2017.

Forças especiais podem agir diretamente nessas operações, seja em infraestruturas que permitam o prosseguimento da tropa convencional, seja em pontos que colaborem com o isolamento como, por exemplo, aeroportos, centros de transporte, centros de comunicação e centrais elétricas.

Comandantes em todos os níveis devem considerar a consolidação. Nesta fase as forças deverão ser reforçadas ou reposicionadas, preparando-se para contra-ataques ou qualquer tipo de resistência. Também devem considerar uma fase de transição, seja para defensiva, seja para estabilização ou substituição por outras frações.

2.2 AS OPERAÇÕES OFENSIVAS EM AMBIENTE URBANO DO EXÉRCITO ARGENTINO

A República da Argentina, trata sobre o tema no Capítulo V do manual ROP – 01 – 28: El Regimiento de Infantería Ligera, em 13 (treze) páginas.

No referido manual, inicia-se o assunto com considerações gerais, citando que esse tipo de operação há se expandido nos últimos anos e que a tendência mundial mostra um acentuado crescimento dos ambientes urbanos e, conseqüentemente dos conflitos armados nessas áreas.

Destaca que o menor nível que trabalha-se nesse ambiente é nível batalhão, porém, as subunidades, seções e grupos, frequentemente poderão engajar-se, devido a compartimentação do terreno das localidades.

Denomina as operações em ambientes urbanos como as que se realizam em terrenos em que o conjunto de construções artificiais presentes afetam a condução das ações por parte do comandante.

Cita que a área urbanizada apresentará ao comandante um conjunto de dificuldades que, dificilmente, outros ambientes imporão, particularmente pela capacidade de trocar permanentemente os cenários e condições. A área urbana afetará todas as partes da mesma forma e, aquele que melhor entender como aproveitar os seus benefícios o efeito de operar em uma localidade, será o que terá as maiores oportunidades de vitória.

Segundo ROP – 01 – 28: El Regimiento de Infantería ligera (2017, p.22), área é qualquer grupo de edifícios construídos para residência, com propósitos habitacionais ou comerciais, tratando como sinônimo de localidade.

Enquanto isso, define ambiente urbano como um sistema integrado por três componentes: população civil não-combatente; infraestrutura da qual a população depende e; obras artificiais.

Classifica também as operações como em três diferentes níveis: combate urbano de alta intensidade, de baixa intensidade e combate aproximado para tropas de operações especiais. A primeira caracteriza-se por ser realizada como operações básicas por toda a área urbana, de larga duração, combinando armas e com regras de engajamento com poucas restrições. A segunda é realizada em setores específicos, de curta duração, com restrição de calibres de armas que possam causar dano colateral e regras de engajamento muitas restritivas, para proteção da tropa e população civil. Já a terceira, que é desencadeada por tropas especiais, é realizada em locais pontuais, para ações como resgate de reféns, recuperação de instalação, tomada de prisioneiros, captura ou destruição de materiais vitais para o inimigo. Como características desse tipo de operação, elenca as seguintes: observação e campos de tiros reduzidos; dificuldade de coordenação e controle; dificuldade para localizar o inimigo; predomínio do combate aproximado; dificuldade na execução do apoio de fogo terrestre e aéreo; maior necessidade de segurança

em todas as direções; intenso emprego de obstáculos artificiais e; lentidão nas operações.

Trata o isolamento da localidade como fator determinante, pois, se o atacante não puder realizar o isolamento, o defensor poderá reforçar e reabastecer suas forças. Porém, caso realize-o, o atacante manterá a iniciativa e obrigará o defensor a agir por reação, arriscando-se. Destaca-se que as tropas blindadas ou mecanizadas são as mais aptas a realizarem o isolamento, devido alguns fatores como velocidade, mobilidade, potência de fogo e proteção.

E, por fim, a última característica abordada é que o “combate aproximado será constante, com lutas casa a casa e rua a rua, implicando um elevado número de baixas e um grande consumo de recursos” (ROP – 01 – 28: El Regimiento de Infantería ligera, 2017, p.24).

Como nas demais operações, é de fundamental importância a análise do terreno, comumente a cargo pelos militares da 2ª Seção. As cartas topográficas não se atualizam na mesma velocidade que os centros urbanos, então faz-se necessário o emprego de outras fontes de imagem como aeronaves, satélites, funcionários públicos e população local. Devem ser levantadas informações de alguns aspectos incomuns nos outros ambientes, como sistema de trens e metrô, redes de água e esgoto, sistemas de distribuição de energia elétrica e combustíveis, sistemas de comunicações e sedes da administração pública.

Quanto as considerações táticas sobre o ataque a localidade, destacam-se as seguintes:

- 1) O atacante terá liberdade de manobra para isolar a localidade que irá conquistar;
- 2) Uma vez isolada, deverá eleger o local para realizar uma penetração;
- 3) Poderá evitar construções fortemente defendidas, passando por baixo das mesmas, utilizando redes de esgoto, água ou passagens subterrâneas, previamente levantadas;
- 4) Em uma localidade, as operações ofensivas terão um ritmo de avanço mais lento, as ações serão mais metódicas e implicarão múltiplos e simultâneos combates de pequenas frações.

Referente ao ataque propriamente dito, divide em 3 (três) fases: isolamento conquista dos limites e combate casa por casa.

A primeira destina-se a isolar a localidade por meio da conquista de setores no terreno que tenham dominância às avenidas de aproximação. Isto visa dar condições de segurança e apoio às frações que irão adentrar na localidade e deve ser executada como um ataque normal. A segunda fase consiste em um avanço até o limite anterior da localidade, conquistando alguma edificação para caracterizar um ponto de partida para a fase seguinte. Já a terceira e última fase, é o avanço dentro da localidade, casa por casa, com execução descentralizada, com o emprego de pequenas frações. O término dessa fase será caracterizado quando não houver mais inimigo no interior da localidade.

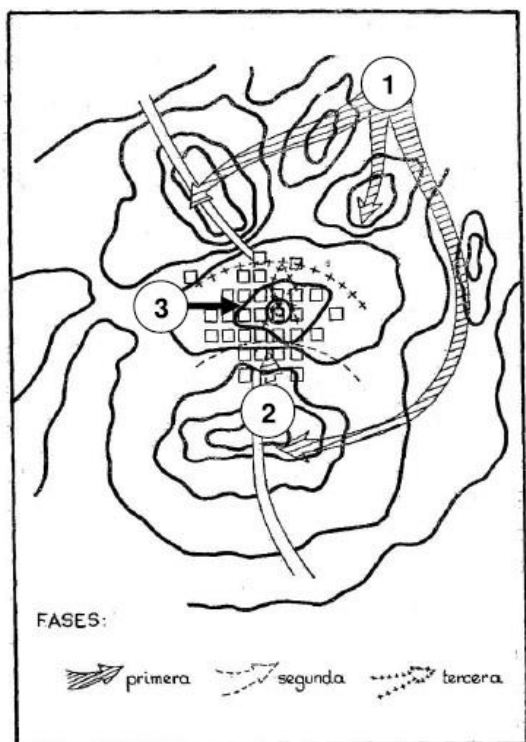


FIGURA 9 – Fases do ataque a uma localidade
Fonte: ARGENTINA. Departamento Doctrina. **ROP – 01 – 28**: El Regimiento de Infantería ligera. Buenos Aires: 2017.

É enfatizado que, diferente de um ataque comum, as medidas de coordenação e controle serão empregadas de uma forma mais intensa, pois a zona edificada dificulta a observação e as comunicações. Desta forma, destaca-se a importância de algumas medidas como: objetivos intermediários, linhas de controle,

zona de ação e limites, pontos de comprovação, hora do ataque e posições de partida para o ataque.

As possíveis formações para o ataque não são citadas, sendo apenas mencionado que dependerá de alguns fatores como, por exemplo, a largura e profundidade da localidade, a natureza do inimigo e a formação adotada pelo escalão imediatamente superior. Porém, afirma que, normalmente, um batalhão de infantaria atacará com duas companhias no escalão de ataque e que, quando dispuser de blindados, estes encabeçarão o dispositivo na segunda fase do ataque.

A frente, assim como as formações, também depende dos fatores elencados acima, porém, costumeiramente, “a de uma companhia é em torno de 100m em zonas de construções compactadas”. Conforme ROP – 01 – 28: El Regimiento de Infantería ligera (2017, p.28).

A reserva, deverá ter o tempo de emprego em uma zona de ação aumentado, tendo em vista que poderá haver poucos caminhos disponíveis para seu deslocamento. Ao mesmo tempo, terá maior segurança devidos as cobertas proporcionadas pelas edificações. Quanto ao seu emprego são elencadas 6 (seis) situações possíveis: atacar para explorar uma debilidade do inimigo; assumir a missão de um elemento de ataque que fracassou; reduzir a resistência inimiga que tenha restado após a passagem do escalão de ataque; proteger os flancos e retaguarda; manter o contato com as unidades adjacentes e; apoiar as unidades adjacentes, mediante ordem do escalão superior ou quando a ação favoreça a missão de seu batalhão.

Quanto a fogos, antes de dissertar sobre suas possibilidades e formas de emprego, é destacado que deve ser considerado as consequências, principalmente para a tropa atacante, pois os escombros e ruínas poderão ser utilizados pelo defensor como cobertas e abrigos e para o atacante afetar a sua mobilidade, sendo necessário emprego de engenharia para remoção de obstáculos.

As comunicações são de vital importância para a coordenação e controle do ataque. A zona edificada é um obstáculo para o meio comumente utilizado, o rádio. Desse modo, para utilizá-lo, deve-se procurar os pontos mais altos, como laje de edifícios. Quando for possível, estabelecer ligações fio. É bem provável que o meio mais eficaz seja o uso de mensageiros e emprego de sinais visuais.

Engenharia será bastante empregada, seja com elementos do 1º escalão ou em apoio. Dentre as missões que poderão cumprir, destaca-se as seguintes: preparação e execução de demolições para serem usadas em aberturas de paredes e outros obstáculos; localização e remoção de minas; e retirada de barricadas e escombros para apoiar o avanço das tropas.

Por fim, cita que após o ataque, será realizada a consolidação, que garantirá que o inimigo não reconquiste a localidade. Para isso, posicionará as armas e efetivos nas posições que cubram as principais avenidas de aproximação.

2.3 O ATAQUE A LOCALIDADE SEGUNDO O C 7-20

No Manual de Campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria, em seu artigo IX, é tratado assunto Ataque a Localidade, dividindo em 5 (cinco) principais tópicos (generalidades, emprego do batalhão, fases do ataque, planejamento das ações e execução).

O tópico generalidades é iniciado com considerações iniciais, onde são elencadas as seguintes opções para uma tropa atacante, ao deparar-se com uma localidade: desbordá-la, isolá-la, cercá-la, torna-la insustentável pelo bombardeio e incêndio, atacá-la e capturá-la. Dentre essas opções, vê como ideal o isolamento ou desbordamento. Porém, por alguns motivos, pode-se receber a missão de conquistá-la.

Há alguns possíveis motivos que obriguem a conquistar a localidade como a necessidade de dominar eixo de estradas, eliminar ameaças de flanco, captura de objetivo tático em seu interior, proporcionar proteção e conforto às tropas e por questões morais, quando a localidade é de grande valor histórico, político, econômico ou militar.

O tópico sobre emprego do batalhão é bem sucinto, apenas elencando 3 (três) hipóteses de emprego: fazer parte ou constituir a força de isolamento, fazer parte ou constituir a força de investimento e constituir a força que tanto isola como investe na localidade. Condiciona suas execuções ao recebimento de reforços como elementos de carros de combate, cavalaria mecanizada, helicópteros e engenharia, por exemplo.

O tópico sobre as fases do ataque, assim como o anterior, é bem sucinto, sendo também elencados 3 (três) fases distintas: o isolamento da localidade, a conquista de uma área de apoio na periferia da localidade e a progressão no interior da mesma.

A primeira fase é o isolamento ou apenas cerco da localidade. A principal diferença entre os dois é que no isolamento são bloqueadas apenas as vias de acesso terrestre e aquáticas da localidade, enquanto no cerco, bloqueia-se todo o perímetro.

A segunda fase (conquista de uma área de apoio na periferia da localidade) consiste na conquista de área de apoio (prédios, edifícios, construções de maior altura) para eliminar por parte inimiga, se tiver ocupada e, passar a possuir os melhores locais de observação das vias de acesso.

A terceira fase é a progressão propriamente dita, sendo no caso, obrigatoriamente adotada a sistemática, onde o escalão de ataque prosseguirá casa por casa, quarteirão por quarteirão.

A parte mais elaborada e detalhada do capítulo é o tópico sobre o planejamento das ações, onde deduz-se que é de grande importância a preparação para a realização desse tipo de operação.

Nesse tópico são abordados sobre os seguintes assuntos: reconhecimento, isolamento, investimento, artilharia, carros de combate, cavalaria mecanizada, armamentos coletivos, aeronaves, comunicações e engenharia.

O reconhecimento é executado desde o recebimento da missão e não cessa com o início das fases do ataque. Deverá ser contínuo e inclusive intensificado ao longo da operação.

Tanto para o isolamento quanto para o investimento, a busca de dados é realizada conforme levantamento dos Elementos Essenciais de Inteligência (EEI). No isolamento, os EEI são direcionados para as áreas adjacentes ao limite urbano, com dados sobre acidentes importantes, vegetação, curso d'água, obstáculos, etc. Quanto ao inimigo, o valor e a localização nesse limite urbano. Já no investimento, os EEI direcionam-se para as vias de acesso à localidade, construções mais altas, passagens subterrâneas, infraestrutura local, terminais dos meios de locomoção e outros julgados de interesse. Quanto ao inimigo, também o valor e a localização, porém, no interior da localidade.

Para a realização dessa busca de dados sobre o inimigo e o terreno, deverão ser utilizadas as mais diversas fontes de obtenção, como por exemplo prisioneiros de guerra, materiais e documentos capturados, habitantes locais, refugiados, imagens de satélite, jornais, revistas, relatórios do escalão superior, dentre outros.

No planejamento do isolamento, o comandante do batalhão deverá atentar para a seleção dos objetivos mais adequados, a definição da direção de ataque das suas peças de manobra e também na definição de qual será o ataque principal.

Segundo C 7-20: Batalhões de Infantaria. (2007, p.4-113), um dado importante é o poder de combate, que para esse tipo de operação, deverá ser de “n +1” pelotão de fuzileiros, para o ataque principal, onde “n” é o número de objetivos a conquistar ou a quantidade de posições inimigas. Então para cada objetivo ou posição inimiga, será necessário um pelotão de fuzileiros + 1. Já no ataque principal, aceita-se uma dosagem menor, sem o acréscimo de um pelotão de fuzileiros.

Para o planejamento do investimento, deve-se considerar alguns fatores para a escolha da melhor linha de ação, como conquista da orla anterior e posterior, convergência de esforços, obstáculos, constituição da reserva e alguns princípios como simplicidade, segurança e surpresa.

Os objetivos poderão estar na orla anterior, posterior ou dentro da localidade, sendo o último o que mais necessita de medidas para segurança, limpeza e coordenação para marcação.

O comandante do batalhão deverá marcar objetivos na orla anterior caso o comandante da brigada tenha marcado somente na orla posterior e, nesse caso, poderá ou não marcar no interior da localidade.

Caso o comandante da brigada marque toda a localidade como objetivo a ser conquistado, o comandante do batalhão deverá marcar objetivos na orla anterior e posterior, podendo ou não marcar no interior da mesma.

Outra questão muito importante no ataque a localidade é o estabelecimento de diversas linhas de controle, pois as edificações dificultam a observação e comunicação. Deve-se utilizar as ruas e avenidas transversais para isso e uma tropa somente a ultrapassará após informar que a alcançou e receber ordem para isso.

Referente as zonas de ação, o manual determina como dado médio de planejamento a divisão das larguras por quarteirões, sendo de 1 (um) quarteirão

para 1 (um) pelotão de fuzileiros, de 2 (dois) quarteirões para 1 (uma) companhia de fuzileiros e de 1 (um) a 4 (quatro) quarteirões para um batalhão de infantaria.

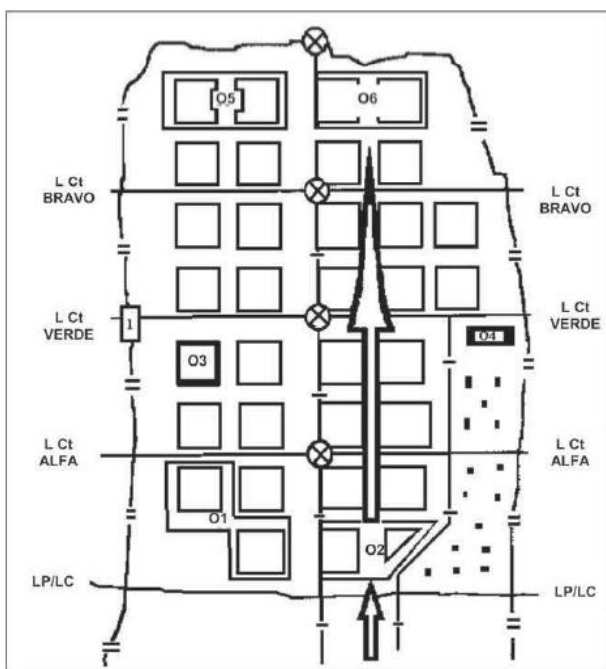


FIGURA 10 – Esquema de manobra de um BI no investimento a uma localidade

Fonte: BRASIL, Estado-Maior do Exército. **C 7-20: Batalhões de Infantaria**. 3. ed. Brasília: EGCCF, 2007.

Quanto a reserva, o C 7-20 estabelece que suas missões básicas são repelir contra-ataques e realizar a limpeza nas zonas de ação dos elementos do escalão de ataque. Porém, também poderá receber as missões de atuar no flanco, corrigir erros de direção e substituir peças do escalão de ataque.

Referente aos reforços que o batalhão de infantaria poderá receber para cumprir a missão de ataque a localidade, destaca-se nesse manual alguns pontos específicos.

Carros de combate: são utilizados no certo ou investimento junto com a força encarregada. Posteriormente, é aproveitado seu poder de fogo para bater os objetivos da orla anterior. Durante a progressão, a infantaria deve realizar sua proteção e o mesmo poderá ser utilizado como armas autopropulsadas ou anticarro, porém sua mobilidade é bastante limitada devido o estreitamento dentro da localidade.

Cavalaria Mecanizada: durante o isolamento pode estar na reserva, reforçar a peça de manobra que isola, ou isolar. No investimento atua similar aos carros de combate. Na progressão, por não possuir efetivo significativo de fuzileiros, pode receber uma zona de ação secundária.

Helicópteros: pode ser empregado em todas as fases, tanto para missões de reconhecimento, observação aérea e suprimento quanto para assalto aeromóvel ou infiltração tática.

Engenharia: normalmente, um batalhão recebe um pelotão de engenharia em apoio direto, o qual poderá executar missões de limpeza de campos de minas e armadilhas, limpeza de destroços ou realizando demolições.

Quanto a execução, segue-se conforme as 3 (três) fases que foram planejadas: isolamento (primeira), conquista da área de apoio (segunda) e progressão no interior da localidade (terceira).

2.4 AS OPERAÇÕES OFENSIVAS EM ÁREA EDIFICADA SEGUNDO O EB70-MC-10.303

No Manual de Campanha EB70-MC-10.303 Operação em Área Edificada, em seu Capítulo III, é tratado sobre Operações Ofensivas naquele ambiente.

Em suas considerações gerais são elencadas algumas características deste tipo de operação como presença de população, grande número de obstáculos, emprego de pequenas frações, dificuldade de apoio mútuo, predomínio do combate aproximado, menor velocidade, dificuldade de comando e controle, necessidade de informações, extremo desgaste físico e psicológico da tropa, dentre outras.

Divide em quatro principais tipos de operações: marcha para o combate, reconhecimento em força, ataque e aproveitamento do êxito. Devido ao tema deste trabalho de conclusão de curso estar voltado para o ataque, não será analisado os outros três.

Quanto ao ataque, além do faseamento descrito no C 7-20 (isolamento, conquista de uma área de apoio em sua periferia e progressão no interior da localidade) é distinto entre coordenado e de oportunidade.

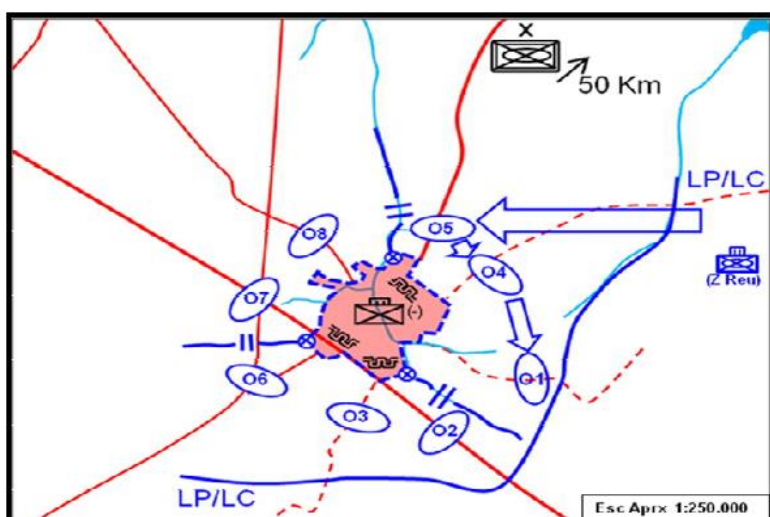


FIGURA 11 – Esquema de manobra de conquista de área de apoio na periferia da localidade
 Fonte: BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: Operação em Área Edificada.1. ed. Brasília: EGCCF, 2018.

O ataque coordenado deve ser priorizado, pois suas medidas de coordenação e controle tendem a evitar o fratricídio e danos colaterais à população local presente na localidade. É realizado um ataque principal e um ou vários secundários.

O ataque de oportunidade é um ataque imediato, visando o aproveitamento de uma oportunidade oferecida por situação anterior. O comandante deve priorizar a velocidade, a iniciativa e a manutenção da impulsão. Por estes motivos, praticamente não há tempo hábil para realização de reconhecimentos. Ordens fragmentárias devem ser emitidas imediatamente.

Então detalha-se as formas de manobra que são: envolvimento, desbordamento, infiltração, penetração e ataque frontal.

O envolvimento é apresentado como a manobra mais adequada quando há aglomerações humanas ao longo de um eixo rodoviário ou em grandes áreas metropolitanas. Também é idealizada para realizar um isolamento, ao ser conquistadas áreas que bloqueiam o fluxo logístico de uma localidade.

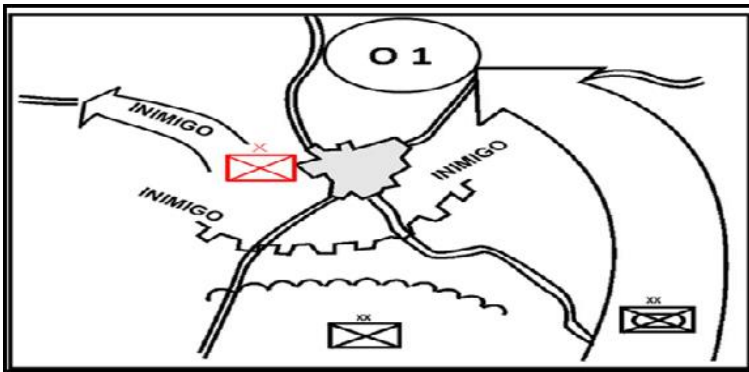


FIGURA 12 – Isolamento de uma cidade por meio de uma manobra de envolvimento

Fonte: BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: Operação em Área Edificada.1. ed. Brasília: EGCCF, 2018.

O desbordamento é voltado para a conquista de um objetivo na retaguarda do inimigo, sendo evitado sua principal posição defensiva. Busca cercar o inimigo e força-lo a combater em mais de uma direção.

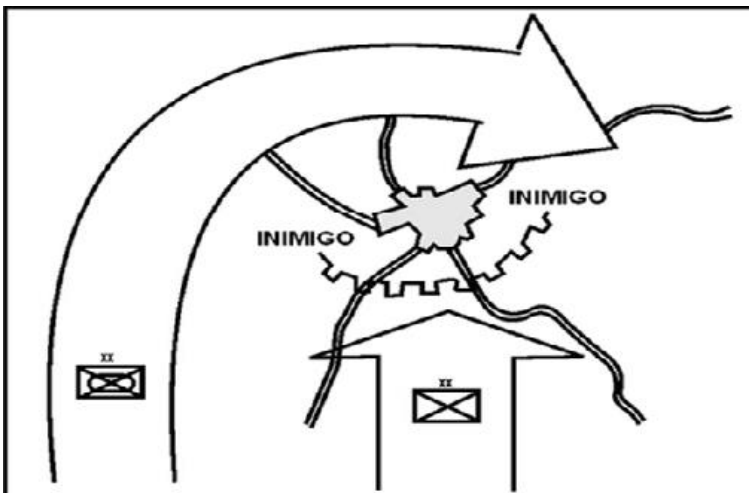


FIGURA 13 – Desbordamento

Fonte: BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: Operação em Área Edificada.1. ed. Brasília: EGCCF, 2018.

A infiltração, assim como no desbordamento, também evita a principal posição inimiga, porém seu objetivo decisivo está no interior da localidade. Pode utilizar-se de passagens subterrâneas, expondo menos a tropa e diminuindo o número de baixas. População civil hostil pode comprometer a manobra, ao dar alerta para o inimigo.

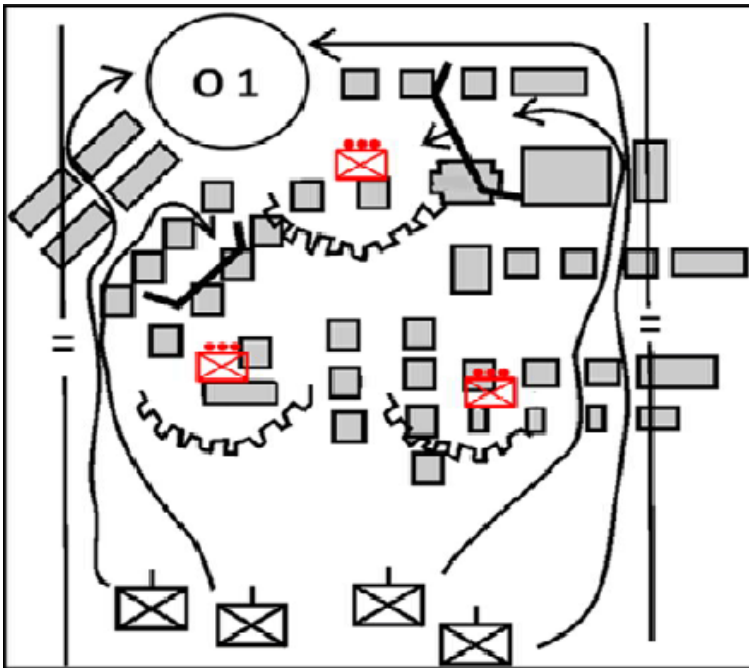


FIGURA 14 – Infiltração

Fonte: BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: Operação em Área Edificada.1. ed. Brasília: EGCCF, 2018.

A penetração é apresentada como a manobra mais adequada para adentrar a localidade quando há posições defensivas organizadas, pois romperá a linha defensiva inimiga. As tropas blindadas e mecanizadas são mais aptas a executarem essa forma de manobra, porém é necessário o fornecimento de segurança para os carros, através de fuzileiros.

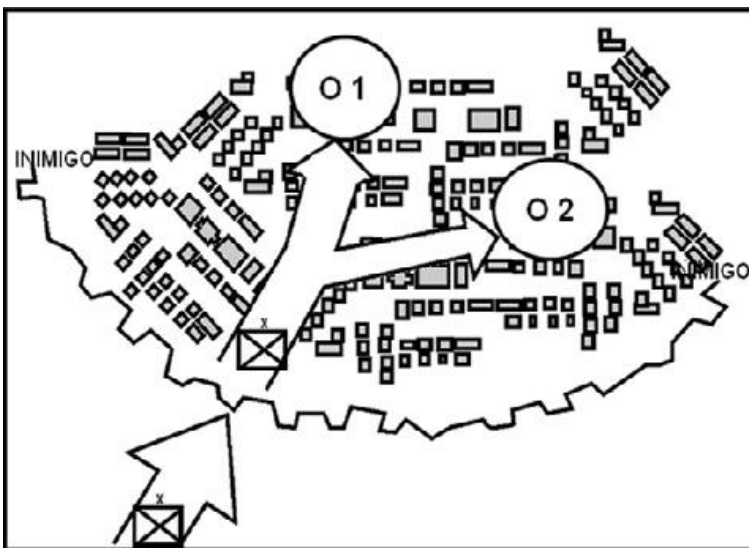


FIGURA 15 – Penetração

Fonte: BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: Operação em Área Edificada.1. ed. Brasília: EGCCF, 2018.

Já o ataque frontal é a forma de manobra menos indicada pois equilibra o poder de combate em toda a frente, independente se em uma zona de ação há mais ou menos posições defensivas ou inimigo. Deve ser executada somente quando o inimigo estiver em grande desvantagem. É sugerido que uma subunidade ataque de 1 (uma) a 2 (duas) quadras e uma unidade ataque de 2 (duas) a 4 (quatro) quadras.

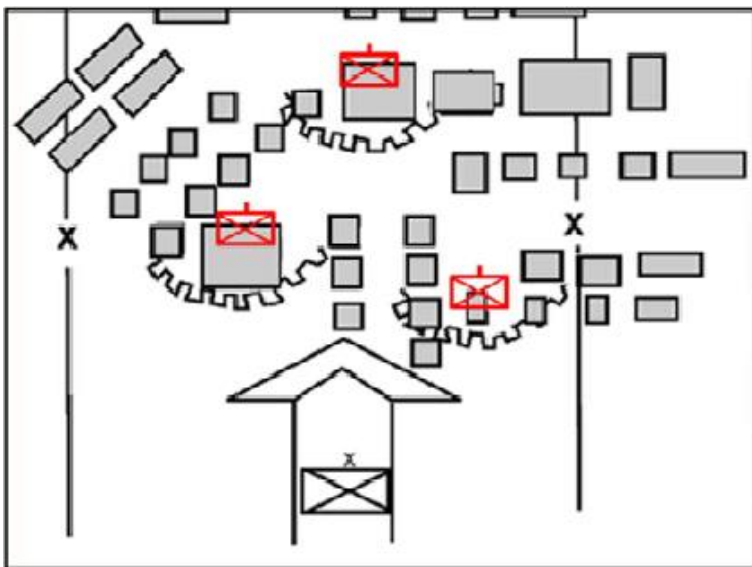


FIGURA 16 – Ataque Frontal

Fonte: BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: Operação em Área Edificada.1. ed. Brasília: EGCCF, 2018.

Grande parte do manual nesse ambiente operacional trata sobre o emprego de blindados, sendo denominado como fundamental seu emprego nas operações. Sua ação de choque e proteção blindada auxiliam na progressão urbana. Seu poder de fogo, dotado de mecanismos de melhor observação e precisão, diminuem as chances de dano colateral. Porém, não deve ser empregado isoladamente. Suas capacidades são ampliadas com a segurança oferecida pela tropa a pé, criando-se o binômio fuzileiro-carro.

O mecanismo de controle do tiro na maioria dos blindados, principalmente os novos, conta com visão termal, excelente ampliação de imagem e precisão do disparo. Mas, em uma área edificada, torna-se limitado seu emprego, pois há uma verticalidade das construções e o sistema de tiro dos blindados possuem limites de angulações, que, dependendo da distância que está de um alvo, não consegue engajá-lo. Visando proteger o carro e sua tripulação, faz-se necessário o emprego

combinado com tropa a pé, pois estes com seus armamentos leves, conseguem engajar os alvos nos ângulos mortos do sistema de tiro do carro.

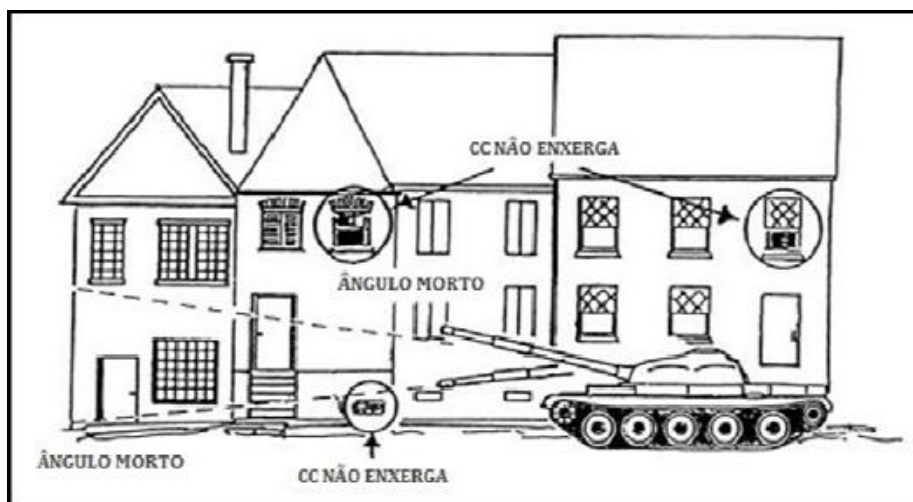


FIGURA 17 – Limitação da observação e campo de tiro de um CC

Fonte: BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: Operação em Área Edificada. 1. ed. Brasília: EGCCF, 2018.

Algumas das capacidades dos carros de combate são: abrir entradas em construções, destruir muros e obstáculos para tropa a pé, rebocar outras viaturas, desobstruir vias e realizar fogo contra outros blindados.

Quanto a remoção de obstáculos, pode utilizar sua força de choque ou poder de fogo, porém não possui total capacidade para essa função. Obstáculos de grande porte e envergadura faz-se necessário o emprego da engenharia. O emprego de seu poder de fogo para essa função, dependendo da munição utilizada, pode causar incêndios e/ou escombros, que atrapalharia a progressão, própria e da tropa a pé.

Destaca-se que para a perfeita sincronia da tropa a pé com o blindado, deve haver uma comunicação entre seus membros, seja por meio rádio, telefone ou sinais visuais.

Os blindados podem ser empregados em todas as fases do ataque. No isolamento, barra as vias de acesso. Na conquista de área de apoio na periferia, os carros de combate permanecem fora da localidade, apoiando pelo fogo e os demais blindados podem prosseguir juntamente com a tropa a pé, apoiando também com emprego de fumígenos. Na progressão pelo interior da localidade, ambos podem prosseguir com a tropa a pé.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O manual norte americano similar ao brasileiro sobre Batalhões de Infantaria não trata sobre o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso. Diante disso, foi estudada a doutrina no manual ATP 3-06 MCTP 12-10B: Urban Operations.

Comparado então com o conteúdo do manual brasileiro, verifica-se que o norte americano é muito mais complexo, tratando de uma gama de assuntos que o brasileiro não trata.

Percebe-se que o c 7-20 é bastante superficial, não analisando a fundo as possibilidades de uma operação em ambiente urbano. Alguns procedimentos são tratados como obrigatórios, sem possuir opções de execução, enquanto no americano são explicadas outras possibilidades.

Há de se considerar que provavelmente seja pelo motivo daquele país ter travado batalhas em guerras durante grande parte do século passado e no início do atual. Seu emprego constante fez com que atualizassem suas doutrinas, fruto de experiências reais ao passar dos anos.

O manual argentino, similar ao brasileiro, aborda de maneira muito parecida o tema ataque a localidade. Diversos conceitos são explicados de maneira sucinta. Aborda um pouco de cada assunto, sem detalhar com muitas palavras ou exemplificações. Dado isso, caso fosse a única fonte de comparação, seria certo afirmar que as táticas, técnicas e procedimentos brasileiros estão atualizadas, pois encontram-se similares a um dos países vizinhos e, no caso, uma das potências do continente sulamericano.

Porém, também faz-se necessário ressaltar que a Argentina não possui histórico de batalhas recentes em ambiente urbano e, assim como o manual brasileiro, é muito provável que esteja desatualizado em comparação com outras potências militares que participaram de batalhas recentes neste ambiente operacional.

Sabe-se que o C 7-20 é um manual com conteúdos diversos sobre a infantaria e que aborda, muitas vezes, superficialmente determinados assuntos, pois esses assuntos são tratados em sua amplitude em manuais específicos que tratam somente sobre os mesmos.

Dessa forma, fez-se necessário analisar o Manual de Campanha EB70-MC-10.303 Operação em Área Edificada, que é datado em 2018, enquanto o C 7-20 em 2007.

Esse manual possui 105 páginas que tratam sobre as operações no ambiente urbano. Ao compará-lo com o C 7-20, percebe-se que o primeiro detalha uma gama de técnicas, táticas e procedimentos que o segundo aborda superficialmente ou não trata sobre. Como foi publicado recentemente, e onze anos após o C 7-20, percebe-se que está mais atualizado e por tratar especificamente do assunto, ao ser elaborado, fez-se necessário estudar as doutrinas de outros países para sua elaboração.

Não levando-se em consideração apenas o lapso temporal para certificar que esse manual é o que temos de mais atualizado sobre a doutrina, foi então comparando-o com a doutrina norte americana, já estudada neste trabalho. Repara-se que os manuais muito se assemelham, tanto na técnicas, táticas e procedimentos quanto, inclusive, nas ilustrações que exemplificam os conceitos. Essas, por vezes, são idênticas, tendo apenas o idioma alterado.

Como o manual norte americano é datado em 2017, sendo de publicação anterior ao atual brasileiro, constata-se que muito provavelmente foi utilizado como fonte de consulta para a elaboração do Manual de Campanha EB70-MC-10.303 Operação em Área Edificada, estando assim, o último, em consonância com a maior potência militar mundial.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Após minucioso estudo para atingir o objetivo geral e os específicos, analisando manuais nacionais e estrangeiros, pode-se constatar que o Manual de Campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria, com sua última edição datada no ano de 2007, assim como diversos outros temas, trata de maneira superficial o ataque a localidade. Apesar do conteúdo do artigo estar semelhante ao de manuais de outros países, como por exemplo a Argentina, está bastante aquém do Estados Unidos da América, pois os norte-americanos abordam sobre em um manual específico.

Em 2018, foi lançado o Manual de Campanha EB70-MC-10.303 Operação em Área Edificada, que muito assemelha-se com o norte americano ATP 3-06 MCTP 12-

10B: Urban Operations. Esse manual, trata detalhadamente, não somente o ataque, mas também todos os fundamentos das operações em área edificadas e outras formas de operações, técnicas, táticas e procedimentos mais atualizados.

O Exército Americano não trata sobre ataque a localidade no seu manual de Batalhões de Infantaria e sim em um manual sobre operações urbanas.

Diante disso, percebe-se que o C 7-20 não é a principal fonte de consulta sobre o assunto, devido o EB70-MC-10.303 ser muito mais completo e atualizado, assim como ser voltado somente para esse tema.

Conclui-se, portanto, que não há necessidade de que conste no C 7-20 capítulos ou artigos referentes à ataque a localidade, pois é um assunto muito amplo, haja vista que há um manual atualizado tratando somente sobre o tema. A atualização do artigo em estudo sobrecarregaria o referido manual, assim como duplicaria o conteúdo sobre o tema. Por conseguinte, sugere-se que seja retirado todos os parágrafos existentes e seja referenciado o EB70-MC-10.303 como fonte de consulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGENTINA. Departamento Doctrina. **ROP – 01 – 28**: El Regimiento de Infantería ligera. Buenos Aires: 2017.

ARMBRECHT, Arwen. **The world's fastest growing cities**. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2015/11/the-worlds-fastest-growing-cities/>> 25 nov 15 Acesso em: 01 fev. 2021.

BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: Operação em Área Edificada. 1. ed. Brasília: EGCCF, 2018.

_____. Estado-Maior do Exército. **C 7-20**: Batalhões de Infantaria. 3. ed. Brasília: EGCCF, 2007.

_____. _____. **C 20-1**: Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército. 4. ed. Brasília: EGCCF, 2009.

_____. _____. **EB20-MF-10.102**: Doutrina Militar Terrestre. 1. ed. Brasília: Centro de Doutrina do Exército, 2014.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters, Department of the Army. **ATP 3-21.20**: Infantry Battalion, Washington: 2017.

_____. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. **ATP 3-06 MCTP 12-10B**: Urban Operations. Washington: 2017.

ALVES, Réuber Alan Tavares. **O Batalhão de Infantaria Mecanizado na 3ª fase do ataque a localidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORDON, Michael. **Iraque**: um conflito polêmico. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2010.

HAMANN, Eduarda P.; TEIXEIRA, Carlos A. R. (Org.) **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017)**: percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé/CCOPAB, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RODRIGUES, Maria das Graças Villela. **Metodologia da pesquisa:** elaboração de projetos, trabalhos acadêmicos e dissertações em ciências militares. 3. ed. Rio de Janeiro: EsAO, 2005. 130p

SAMPAIO, Fábio Murilo Viana. **O Combate Urbano Moderno:** características, peculiaridades e suas implicações para o Exército Brasileiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2008.

SIMÕES, Cleber Henrique Bernardes. **A segunda batalha de Fallujah e suas possíveis lições para o Exército Brasileiro.** Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2018.

SOARES, Fábio Eduardo de Almeida. **Os Estados Unidos da América no Emprego em Ambiente Urbano no Século XXI:** Dificuldades encontradas e lições aprendidas. Trabalho de Conclusão de Curso (Aperfeiçoamento de Oficiais). Rio de Janeiro: Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 2019.